

SEMINÁRIO

EDUCAÇÃO INCLUSIVA: DIREITO À DIVERSIDADE

PALESTRA

DIVERSIDADE HUMANA NA ESCOLA

Ms. NEUZA HELENA POSTIGLIONE MANSANI

Quero inicialmente agradecer, de público e de coração, o convite que me foi feito pela nossa Secretária de Educação, Professora Zélia; chamamento para estar neste seminário, cujo título: Educação Inclusiva: Direito à Diversidade me cativa. Coincidentemente em 21/09/98, fui convidada pela SME/Coordenação do Ensino Especial do Município de Ponta Grossa para a abertura do Seminário: Sensibilização da Comunidade para a Inclusão das Pessoas Portadoras de Necessidades Especiais na Sociedade - na época assim denominadas, e hoje novamente retomo a palavra para juntos, eu e vocês, pensarmos de uma forma mais abrangente a Educação Inclusiva como direito à diversidade, neste contexto histórico da Era Planetária, no dizer de MORIN.

Dada a significância do tema, quero abrir frestas por ele e penetrar analisando o que subjaz a cada palavra da frase- título. Começo com as palavras Educação Inclusiva - falar em Educação Inclusiva é falar de Inclusão, e para falar de Inclusão é necessário revisitar a história da educação no que se refere às pessoas com deficiência. História, essa, que para SASSAKI passou por quatro fases: a primeira denominada fase da Exclusão (período anterior ao século 20) na qual a maioria das pessoas com deficiência era tida como indigna de educação escolar; a seguir tivemos a fase da Segregação (século 20); nos anos 60, com a eclosão do movimento de pais de crianças, às quais era negado ingresso em escolas comuns, surgem escolas especiais e, mais tarde, as classes especiais dentro das escolas comuns. É a ruptura do sistema educacional em dois subsistemas: a educação comum e a educação especial, caminhando paralelamente sem nenhuma ligação.

Na década de 70 entramos na fase da chamada Integração, quando as escolas comuns recebiam crianças e adolescentes deficientes, mas com uma ressalva: somente crianças que conseguissem adaptar-se à classe comum - a

exclusão estava posta para aquelas que não conseguiam adaptar-se ou acompanhar as demais crianças, "ditas normais".

Na segunda metade da década de 80 surge a quarta fase - a Inclusão - a partir de então, pensa-se o contrário: adaptar o Sistema Escolar às necessidades dos alunos; não mais um sistema dual, mas um sistema único de qualidade para todos os alunos, com ou sem deficiências ou outros tipos de condições atípicas.

Inclusão, portanto, difere e supera a integração, enquanto a integração é um esforço unilateral da pessoa marginalizada para se inserir na sociedade através de medidas e receitas especiais, a Inclusão é um esforço bilateral em que tanto a sociedade modifica seus sistemas sociais, como passa a possibilitar o acesso da pessoa marginalizada aos bens e serviços, como também, a própria pessoa marginalizada se prepara para melhor exercer seu papel na sociedade, sendo cidadão/cidadã.

Nasceu, assim, a Escola Inclusiva, a Educação Inclusiva baseada em princípios como: aceitação das "diferenças individuais" - atributo, não obstáculo; a "valorização da diversidade humana" pela sua importância para o enriquecimento de todas as pessoas e o "direito de pertencer" - não ficar fora, ser excluído.

Abrindo outra fresta no tema, encontro a palavra Diversidade. Lembrando que a diferença e a diversidade são características do pensamento pós-moderno, permito-me fazer um corte para falar da Pedagogia da Diferença. Quando do meu Mestrado, mergulhei em Lefebvre, encontrei-me dialética com o desejo de romper com a lógica dual, com a polaridade, com a dicotomia, com a unilateralidade, com o fechamento, com o finito, com o absoluto, e dialeticamente reporte-me aos filósofos chineses que viam a realidade TAO - o caminho- como um processo cósmico de contínuo fluxo e mudanças, cujos fenômenos são intrinsecamente dinâmicos.

Na concepção chinesa, a manifestação de TAO é gerada dos dois pólos arquetípicos Yin e Yang (Feminino/Masculino).

Historicamente, tem havido fortalecimento de um pólo sobre o outro, sustentados por sistemas, talvez de dominação e poder.

Trouxe isto para a educação, e lembro que em relação ao processo escolar, arranjam-se as prioridades de valores em pares binários, pares de oposição.

E, tal como Yin e Yang, a inversão na flutuação dos pares tem ocorrido historicamente, dadas as diferentes abordagens, como paradigmas, têm colocado o termo valorizado em primeiro plano, em detrimento do segundo, numa lógica binária.

Ouso, então, um novo modo de pensar a lógica - a lógica da tríade, a partir de Vygotsky (modelo de dupla estimulação) no sentido da mediação como terceiro termo constitutivo da relação, numa lógica com possibilidades de abertura em ímpares, abertos em relações múltiplas, plurais.

Assim, passo a entender a subjetividade numa relação dialética com a objetividade da qual provém, dando sentido à ação humana, como relação sujeito-objeto na busca do conhecimento pela atividade, que é de natureza social, não como relação binária, com ênfase em um ou outro, mas mediada pelo outro através da linguagem (linguagens) num fluxo de constantes trocas.

Tendo como decorrência a mobilidade de fronteira entre o eu e o outro, relações de movimento, cujo resultante é o sujeito interativo e dialógico.

Penso aproximar ensino de aprendizagem como "ensinagem" sem hífen (quando se perde a noção de composto, aglutina-se) mantendo as especificações opostas e encontrando na interface o processo de significação - mediador - numa dimensão interlocutiva, como princípio básico da ensinagem.

Num processo, cultural e ruptura penetram-se mutuamente, incluem-se um no outro num fluxo de continuidade e descontinuidade, abrangendo as vozes do passado e do futuro como superação, pelo diálogo na e da diferença.

E, finalmente, os pares uno e múltiplo amalgamados na diversidade, como movimento - pulsar interno do movimento espontâneo da vida - fazendo aparecer novos significados comuns.

Novos significados como GLÓRIA KIRINUS constrói com a lenda "A cigarra e a formiga", numa re-leitura: Cigamiga/Formigarra": "Agora a cigarra amiga da miga da formiga a cigamiga é também pipoqueira, é também livreira, é

também engenheira. Agora a formiga amiga da garra da cigarra a formigarra é também feirante, é também fogueteira, é também DÓ RÉMIFÁSOLÁSIEIRA".

No refletir sobre a Pedagogia da Diferença, importa captar um princípio que tudo unifica - religa pela complementaridade e sinergia.

A diferença não é limitação, mas manifestação de riqueza de uma espécie, de um arquetípico. A diferença convoca para a aceitação e reciprocidade mútua. Os diferentes encontram-se, trocam riquezas e concresem - crescem juntos.

Assim, mergulhamos na teoria da complexidade. Vejamos: "Complexidade" palavra de origem latina (*complectere*), cuja raiz (*plectere*) significa trançar, enlaçar, e remete ao trabalho de construção de cestas, que consiste em entrelaçar um círculo, unindo o princípio com o final em pequenos ramos; o prefixo "Com" acrescenta o sentido da dualidade de dois elementos opostos que se enlaçam intimamente, mas sem anular sua dualidade; em francês, a palavra "Complexo" do latim (*complexus*), significa que abraça; em espanhol provém, também, do latim (*complexio*) que significa amálgama ou conjunto. E, ainda curiosamente, existe uma relação entre Complexo e Perplexo - compartilham a mesma raiz; Perplexo, do latim (*perplexus*), significa: duvidoso, incerto, confuso.

Podemos dizer, parafraseando MORIN, que Complexidade é um tecido de elementos heterogêneos inseparavelmente associados, que representam a relação paradoxal entre o uno e o múltiplo. Apresenta-se, assim, sob o aspecto perturbador da perplexidade, da incerteza, da desordem, da ambigüidade, ou seja, de tudo aquilo que é e se encontra emaranhado.

O pensamento complexo pressupõe, portanto, incompletude, incerteza, articulação, multidimensionalidade; daí a proposta de MORIN para o desenvolvimento do pensamento complexo como método de aprendizagem pelo erro e incerteza humana, na busca do sujeito investigativo.

Voltando a questão da diferença, da diversidade cultural, que enfrentamos no dia a dia da escola, penso a Educação Intercultural, a qual nos remete ao documento da UNESCO: a Declaração sobre raça e sobre preconceitos raciais (1978). "...todos os povos e todos os grupos humanos, qualquer que seja a sua composição ou a sua origem étnica, contribuem conforme sua própria índole para o progresso das civilizações e das culturas,

que, na sua pluralidade e em virtude de sua interpretação, constituem o patrimônio da humanidade. ...o direito de todos os grupos humanos à identidade cultural e ao desenvolvimento da sua própria vida cultural no contexto nacional e internacional".

A Educação Intercultural é apresentada por ANTONIO NANNI (1998), como um caminho aberto, complexo e multidimensional, envolvendo: a pessoa e o grupo social, a cultura e a religião, a língua, a alimentação, os preconceitos e as expectativas pessoais, na interação entre sujeitos. Isto significa uma relação de troca e de reciprocidade entre pessoas vivas, com rostos e nomes próprios, com direitos e dignidade. Uma relação que vai além da dimensão individual dos sujeitos, e envolve suas respectivas identidades culturais diferentes.

Esta proposta nos coloca frente à necessidade de repensar e resignificar a concepção de educador. Educador como provocador de estímulos que ativem as diferenças entre os sujeitos e entre seus contextos, como mediador das informações desencadeadas pelo confronto de diferenças, contribuindo para a explicação e elaboração dos sentidos, construídos e reconstruídos pelos sujeitos em relação, no contexto educativo.

Se a diferença e a diversidade fazem parte do projeto existencial do criador, do nosso entorno... por que temos dificuldade de relacionamento com o diferente? Não tenho uma resposta, mas faço um convite a vocês, um convite afetivo para a re-educação do olhar: olhar o mundo de forma diferente, de outros ângulos, pelo lado avesso, talvez!

Olhar a diversidade do significado e do sentido das coisas, olhar a multiplicidade dos sujeitos, das vozes, dos olhares sobre o mundo, olhar a transitoriedade com olhar vigilante, de abertura, e de incerteza, olhar a multiplicidade de compreensão entre sujeitos e entre o sujeito e as coisas, enfim: olhar a diferença.

Um olhar de relação, pois estamos vivendo a era das relações, um olhar de relação no contexto escolar como *locus* de ensinagem, de desenvolvimento da autonomia, da cooperação, da criticidade e de eternos aprendizes.

Re-construir o olhar educativo é resignificar a ética inclusiva e a estética da sensibilidade. A estética da sensibilidade substitui a estética da repetição e padronização, hegemônica na era das revoluções industriais.

A estética da sensibilidade estimula a criatividade, o espírito inventivo, a curiosidade pelo inusitado para facilitar a constituição de identidades, capazes de suportar a inquietação, conviver com o incerto, com o imprevisível e com o diferente.

Valoriza a leveza, a delicadeza e a sutileza nas relações humanas - lembrando Ítalo Calvino, em sua obra : Seis Propostas para o Próximo Milênio.

Como expressão da identidade nacional, a estética da sensibilidade facilitará o reconhecimento e a valorização da diversidade cultural brasileira.

E, como atitude diante de todas as formas de expressão, abre espaço para a crítica à vulgarização da pessoa, às formas estereotipadas e reducionistas de expressar a realidade, às manifestações que banalizam os afetos e brutalizam as relações pessoais. Assim, não convive com a exclusão, com a intolerância e com a intransigência - porque permeada pela afetividade, pela inventividade afetiva.

Falar de tolerância é lembrar as palavras de nosso imortal Paulo Freire: "Ser tolerante não é ser conivente com o intolerável, não é acobertar o desrespeito, não é amaciar o agressor, disfarçá-lo. A tolerância é a virtude que nos ensina a conviver com o diferente, a aprender com o diferente, a respeitar o diferente". É dar um salto da hominização para a humanização.

Para melhor compreendermos tudo isto, precisamos mergulhar no novo paradigma social - a visão holística , ecológica ou planetária do mundo, que concebe o mundo como um todo integrado, reconhecendo a interdependência de todos os fenômenos. Vê o mundo não como uma coleção de objetos isolados, mas como uma rede de fenômenos fundamentalmente interconectados e interdependentes. Nós, os seres humanos, somos como fios de partículas nesta teia da vida, como: infinitude de combinações, combinatória de: experiências, informações, leituras , imaginação e sonhos. Cada vida, cada um de nós é uma enciclopédia aberta, uma biblioteca, um inventário de objetos, uma amostragem de personalidade, um universo de valor, onde tudo pode ser remexido, reordenado de diferentes maneiras possíveis - a diversidade humana que está, também, na escola.

Falando em diversidade humana, gostaria de chamar algumas pessoas aqui a frente, para concretizarem uma imagem, que muito diz dessa diversidade: o rizoma. Deixando o corpo falar e admirando a imagem na tela,

percebemos que o rizoma não é feito de unidades, mas de dimensões, ou antes, de direções movediças. Ele não tem começo nem fim, mas sempre um meio pelo qual cresce e transborda. Vamos tomá-lo como metáfora das relações humanas.

Viver e conviver rizomaticamente é viver com compreensão, solidariedade e compaixão na busca infinita da plenitude e da completude do indivíduo na sua incompletude, pela sensibilidade - no dizer de KOSIK: "O homem para conhecer a coisa em si, deve primeiro transformá-la em coisa para si. Tomar a coisa para si, é estar sensibilizado". Vamos nesta tarde, neste seminário fazer renascer a nossa sensibilidade pela Pedagogia da Diferença. É o meu convite à sensibilização pelo direito à diversidade humana na escola, cuja porta de entrada é a afetividade e a abertura para "Muito além de uma porta..." (Texto de Içami Tiba).

ÍMPARES TEÓRICOS

CALVINO, ÍTALO. **Seis propostas para o próximo milênio**. Trad. Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação: a ciência, a sociedade e a cultura emergente**. São Paulo: Cultrix, 1982.

Ensaio pedagógico: construindo escolas inclusivas. Brasília: MEC, SEESP, 2005.

FLEURI, Reinaldo Farias (org.). **Multiculturalismo e interculturalismo nos processos educacionais**. In: LINHARES, Célia Frazão. **Ensinar e aprender: sujeitos, saberes e pesquisa**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

KIRINUS, Glória. **Cigamiga**. Curitiba: Braga, 1993.

LEFEBVRE, Henri. **Lógica formal/Lógica dialética**. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

MANSANI, Neuza Helena P. História de um desejo nas janelas da escola: lugar de ação, construção, possibilidades...Dissertação de Mestrado, 1997.

MORIN, Edgar et alii. Educar na era planetária: o pensamento complexo como método de aprendizagem pelo erro e incerteza humana. Trad. Sandra T. Valenzuela. São Paulo: Cortez, 2003.

VATTIMO, Gianni. As aventuras da diferença. Trad. José Eduardo Rodil. Lisboa: Edições 70, 1980

VYGOTSKY, L.S. A formação social da mente. Trad. José Cipolla Neto. São Paulo: Martins Fontes 1988.

Ponta Grossa,

19 de maio de 2005